

## A “GEOGRAFIA DOS PROFESSORES” DE YVES LACOSTE NOS MANUAIS CLÁSSICOS DE GEOGRAFIA DO BRASIL: A AMAZÔNIA E SUA REPRESENTAÇÃO IDEOLÓGICA NOS LIVROS DIDÁTICOS

Gabriel Fernandes  
Ricardo José Batista

**Resumo:** O termo “Geografia dos professores” de Yves Lacoste aparece em A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra, enquanto uma abordagem de ensino que além de maquiagem a finalidade estratégica que possui o raciocínio geográfico, também trata da construção de imagens nacionais baseadas em conhecimentos geográficos fundamentalmente descritivos, que colaboram muitas das vezes com o sentimento patriótico. Assim, o presente projeto de investigação objetiva a identificação do discurso da “Geografia dos professores” de Lacoste em livros didáticos clássicos da disciplina, com o enfoque nas representações ideológicas trazidas quando há nesses manuais a discussão da Amazônia brasileira. Nesse sentido, a pesquisa conta com a utilização de três livros didáticos dispostos para as análises, sendo eles datados de 1955, 1971 e 1978, sendo respectivamente os autores: Moisés Gicovate, Aroldo de Azevedo e Zoraide Victorello Beltrame.

**Palavras-chave:** Geografia dos professores; Yves Lacoste; Representações geográficas; Livros didáticos.

## THE "GEOGRAPHY OF TEACHERS" OF YVES LACOSTE IN THE CLASSICAL TEXTBOOKS OF GEOGRAPHY OF BRAZIL: THE AMAZON AND ITS IDEOLOGICAL REPRESENTATION IN TEXTBOOKS

**Abstract:** The term "Geography of teachers" by Yves Lacoste appears in La Géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre (1976), while a teaching approach that not only covers up the strategic purpose of the geographical reasoning, but also deals with the construction of national images based on fundamentally descriptive geographical knowledge, which often collaborate with patriotic feeling. Thus, the present research project aims at identifying the discourse of Lacoste's "Geography of teachers" in classic textbooks of the discipline, with a focus on the ideological representations brought when there is discussion of the Brazilian Amazon in these textbooks. In this sense, the research relies on the use of three textbooks available for analysis, dated from 1955, 1971 and 1978, being respectively the authors: Moisés Gicovate, Aroldo de Azevedo and Zoraide Victorello Beltrame.

**Keywords:** Geography of teachers; Yves Lacoste; Geographical representations; Textbooks.

## INTRODUÇÃO

O geógrafo francês Yves Lacoste (2012, p. 31) ao apresentar a sua perspectiva do que vem a ser a Geografia em “A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”, revela dois termos que se compreendidos bem podem colaborar não somente para a apreensão de sua teoria sobre o que é a Geografia, como também para quê e para quem ela serve historicamente. Trata-se das expressões “Geografia dos Estados maiores e das grandes empresas capitalistas” e “Geografia dos professores”.

A concepção binária da Geografia de Lacoste situa de um lado a “Geografia dos Estados maiores e das grandes empresas capitalistas” enquanto um saber essencialmente estratégico e que historicamente fez parte das experiências dos diferentes tipos de Estado e que sobretudo nos dias atuais já configura enquanto realidade no âmbito das grandes empresas e de outro a “Geografia dos professores”, que possui enquanto principal atributo mascarar a importância estratégica que dispõe o raciocínio geográfico mediante uma abordagem de ensino que opta pelo discurso fundamentalmente descritivo dos elementos humanos e naturais. Além disso, há nessa “segunda” Geografia um comportamento (que se expressa nos manuais didáticos) que a torna individual. Trata-se da ilustração em primeiro lugar das representações de imagens da pátria, incansavelmente reproduzidas no sentido de produzir um forte sentimento nacional e patriótico (LACOSTE, 2012, p. 54-55).

Reconhecida a responsabilidade atribuída à Geografia nas escolas enquanto formadora de representações geográficas da porção territorial nacional, o presente trabalho visa primariamente a identificação do discurso da “Geografia dos professores” de Lacoste nos livros didáticos clássicos da disciplina.

Ao considerar o caráter ideológico que o conceito de região pode assumir e a sua projeção comum enquanto instrumento político (LENCIONI, 2010, p. 187), a pesquisa terá enquanto objetivo complementar discutir as representações ideológicas trazidas quando há nesses manuais a ilustração da Amazônia brasileira.

O estudo será realizado a partir de três livros didáticos que marcaram o ensino de Geografia no Brasil, sendo eles: Geografia Regional do Brasil, de Moisés Gicovate (1955), O Brasil e suas regiões, de Aroldo de Azevedo (1971) e Geografia Ativa: 1º grau, de Zoraide Victorello Beltrame (1978). Busca-se, a partir disso, reflexões que tentarão relacionar o discurso presente nas obras didáticas com a compreensão de “Geografia dos Professores” elaborada por Yves Lacoste, além de discussões a respeito de como é apresentada a abordagem dos conteúdos.

## ELEMENTOS DE UMA “GEOGRAFIA DOS PROFESSORES” DE YVES LACOSTE NOS LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA DO BRASIL

A Geografia dos professores para Yves Lacoste (diferentemente da Geografia dos Estados-maiores que vive “desde que existem os aparelhos de Estado”), surge no século XIX na Alemanha e posteriormente expande-se para a França. O seu papel historicamente notável foi o de ocultar mediante o discurso fragmentado e de enumeração de elementos humanos e naturais, o instrumento de poder que é o raciocínio geográfico quando tratado de modo operacional. Lacoste em uma tentativa de explicar o que vem a ser a Geografia dos professores conclui que ela:

*Se tornou um discurso ideológico no qual uma das funções inconscientes, é a de mascarar a importância estratégica dos raciocínios centrados no espaço. Não somente essa geografia dos professores é extirpada de práticas políticas e militares como de decisões econômicas (pois os professores nisso não tem participação), mas ela dissimula, aos olhos da maioria, a eficácia dos instrumentos de poder que são as análises espaciais. Por causa disso a minoria no poder tem consciência de sua importância, é a única a utilizá-las em função dos seus próprios interesses e este monopólio do saber é bem mais eficaz porque a maioria não dá nenhuma atenção a uma disciplina que lhe parece tão perfeitamente “inútil” (LACOSTE, 2012, p. 31-32).*

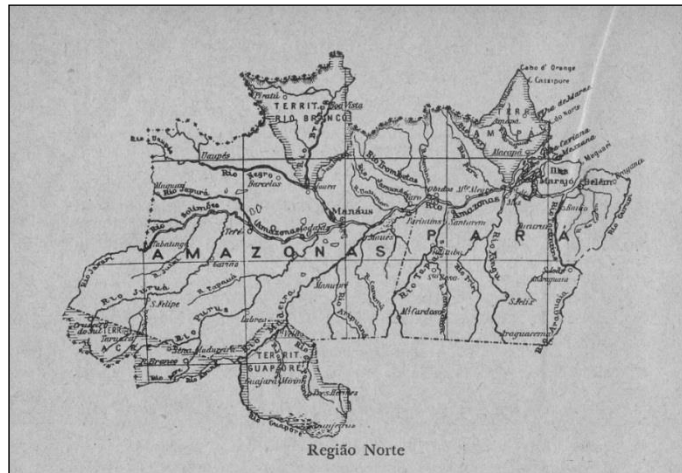
Essa Geografia dos professores enquanto discurso pedagógico pode ser encontrado nos manuais escolares de Geografia dos sistemas de educação dos países. Levando em consideração que esse discurso pedagógico é difundido em manuais escolares, o atual tópico apresentará os três livros já mencionados para realizar uma breve discussão a respeito de como os conteúdos geográficos foram abordados nesses manuais.

Apesar das obras possuírem um enfoque na abordagem de todas as regiões brasileiras, o presente trabalho tratará do modo como o Norte fora tratado nos três manuais escolares, de modo que se compreenda o discurso geográfico projetado para a grande região.

O livro de Moisés Gicovate ainda traz a regionalização oficializada em 1942 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O modo como elenca os conteúdos das regiões brasileiras segue o padrão de esquematização: descrição física, povoamento, divisão em estados, cidades, vida cultural e recursos econômicos.

A descrição física da região Norte é composta de elementos de seus limites territoriais, seus aspectos gerais, de sua hidrografia, de seus atributos litorâneos, climáticos e vegetais.

**Figura 1: A Amazônia de Moisés Gicovate**

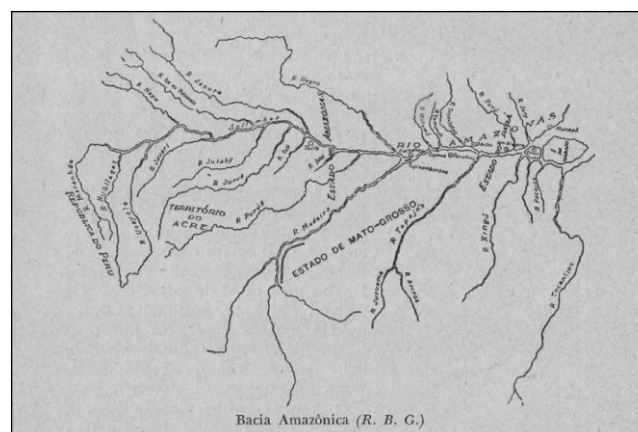


**Fonte: GICOVATE, 1951, p.22.**

Os limites territoriais da região Norte são descritos em pontos cardiais e colaterais. Quanto aos aspectos gerais, temos a exposição de que a região ocupa a mais vasta área equatorial do planeta e a noção de “terras inacabadas” pela sua emersão em épocas geológicas recentes. Além disso, o autor trata, de modo geral, a região enquanto uma “imensa planície”.

Ocupando-se da hidrografia, Gicovate atenta para a preponderância do sistema hidrográfico em relação às outras regiões no que trata de sua variedade, extensão dos rios e volume de suas águas, além de denominar o Rio Amazonas enquanto o “rei dos rios”.

**Figura 2: Sistema Hidrográfico da Amazônia**



**Fonte: GICOVATE, 1951, p. 25.**

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

O litoral da região Norte é exposto enquanto uma extensão que vai do Cabo Orange até o Cabo Gurupi, sendo esse trecho composto por três tipos de costa: a costa de mangues, sendo essa do Cabo Orange até o Cabo Norte, o tipo de estuário, que estende-se desse até a ponta da Tijoca e o tipo misto, da ponta da Tijoca até o Cabo Gurupi.

Procedendo o clima, Gicovate conclui que em virtude da região Norte ser cortada pelo equador, é possível considerá-la enquanto uma extensão de clima equatorial, sendo a área quente, úmida, de baixa amplitude térmica e com chuvas abundantes e frequentes. Além disso, a sua temperatura média anual é maior que 25°.

A vegetação da região é tratada enquanto uma floresta “exuberante e impenetrável”, sendo a selva composta de vários andares de vegetação. O andar mais alto seria então composto por espécies que alcançam alturas maiores que 70 metros. É possível notar o potencial econômico que é dado à floresta, sendo essa percebida enquanto capital natural quando Gicovate declara que “o valor econômico das florestas amazônicas é imenso, incalculável mesmo” (GICOVATE, 1955, p. 34).

O caráter denso das florestas da região Norte, de acordo com Gicovate, foi um fator decisivo na lenta conquista e povoamento da área, sendo o homem aí compreendido enquanto um “intruso”. A luta por essa conquista possuiu diferentes dimensões: luta contra o clima, contra a floresta, contra o “brasilíndio” (dono até então daquela região). Paralelamente à essa população nativa, surge uma população mestiça modelada pelo ambiente brutal, resultante da população branca que para aí se transferiu. Também não há de se esquecer do sujeito africano que fora trazido para a região e que contribui significativamente para a ocupação. O autor ainda declara que o problema do povoamento persiste, embora agora ele seja alvo dos projetos dos estadistas. Além disso, Moisés conclui que a sua solução exige “coragem e patriotismo”.

A população do Norte é vista pelo autor enquanto originária de cruzamentos complexos. Dentre os quais, de acordo com Gicovate (1955, p. 37) sobressaem “o curiboca, também às vezes chamado tapuio, e que resultou do cruzamento do branco e do brasilíndio; o mameluco, resultado do cruzamento do curiboca e do branco; o mulato, que resultou do cruzamento do negro e do brasilíndio”. Além disso, reserva-se espaço para a termo regional “caboclo”, sendo esse compreendido enquanto um termo geral que engloba o curiboca e o mameluco.

No livro há uma parte destinada à figura do seringueiro, ser esse que é tido enquanto um “herói anônimo” pelo autor por ter vencido a fome, a miséria, as doenças e mesmo a selva.

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

Sendo esses muitas vezes originários da região Nordeste, são “filhos terra do sol e lutam na terra da água”, de acordo com Gicovate.

A divisão política da região até o momento da publicação do livro, em 1955, era constituída por dois Estados (Amazonas e Pará) e quatro territórios (Amapá, Rio Branco, Guaporé e Acre) que posteriormente viriam a ser, respectivamente, as unidades federativas: Amapá, Roraima, Rondônia e Acre. As cidades mais importantes eram, até então, Manaus, Belém, Rio Branco, Parintins, Itacoatiara, Tefé, Bragança etc.

A vida cultural na região Norte é dividida pelo autor em dois momentos: o anterior ao “descobrimento”, onde teríamos os nativos vivendo de forma elementar na região, e o posterior ao descobrimento, onde verifica-se o conhecimento da terra e da gente, a vinda de novas formas culturais e a estratificação cultural. Além disso, a região norte contava já naquele momento com o Museu Goeldi, que é um importante centro cultural até os dias de hoje. Moisés elenca que existem na região Norte de então 37 bibliotecas, compreendendo cerca de 50 mil volumes. O ensino primário possuía 136.743 alunos e era ministrado em 2.319 escolas. Já o ensino secundário era detentor de um número ainda menor de escolas e estudantes, sendo esses respectivamente, 15 escolas e 2.158 alunos.

A região Norte possui, de acordo com Gicovate, um potencial econômico imenso. Há aí a disposição de elementos como a borracha, a castanha, o guaraná, as madeiras, assim como a pesca de pirarucu, peixe-boi, tartaruga etc. Além disso, a atividade da mineração e a criação de ado representam atuações importantes na região.

Figura 3: Criação de gado no baixo Amazonas

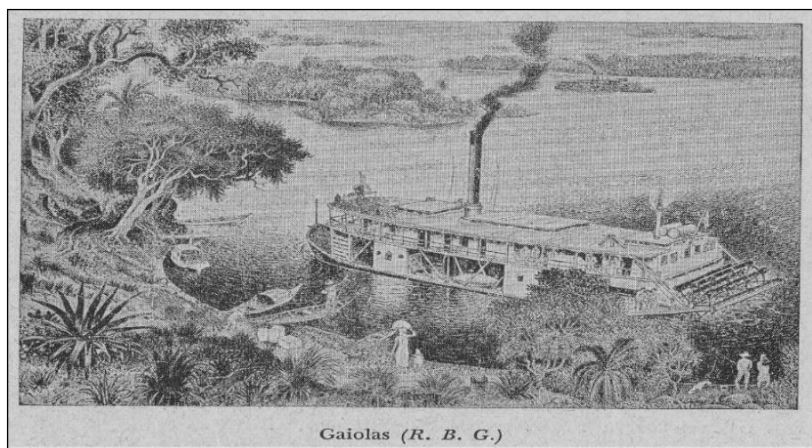


Fonte: GICOVATE, 1951, p. 52.



A circulação da região Norte é abordada no texto enquanto último componente do estudo da região. O autor atenta para o fato de que o transporte fluvial configura como principal transporte da região, sendo a via fluvial estruturada sobre o Rio Amazonas e seus afluentes de ambas as margens. A via fluvial apresenta variedades nos tipos de transportes destacando-se, segundo Gicovate (1955, p. 56-57) “a montaria, pequena embarcação a remo que indica no próprio nome o papel que representa; a ubá; a igarité, canoa grande; a chatinha; a chata; os batelões, empregados no transporte de gado; o gaiola; e o vaticano”.

Figura 4: Transporte fluvial (gaiola).



Fonte: GICOVATE, 1951, p. 56.

As rodovias são citadas, porém, são vistas enquanto complementares, visto que até 1950 a sua extensão era de apenas 3.205km. A malha ferroviária, de igual modo complementar e ainda de menor representatividade, possuía a extensão de 777km.

O segundo manual analisado foi a obra *O Brasil e suas regiões* (1971) de Aroldo de Azevedo. O autor inicia o livro realizando um quadro geral das regiões brasileiras, porém, diferentemente de Gicovate, aqui a perspectiva já é a das regiões de 1969 postas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Além disso, o autor atenta para a questão de que ao tratar das regiões brasileiras, direcionará a elas as nomenclaturas regionais: Amazônia Brasileira, Nordeste Brasileiro, Sudeste do Brasil, Sul do Brasil e Centro-Oeste brasileiro.

Aroldo enfatiza os contrastes da natureza existentes em território brasileiro, sendo esses contrastes, segundo ele, produzidos a partir da estrutura geológica que apresenta terrenos de

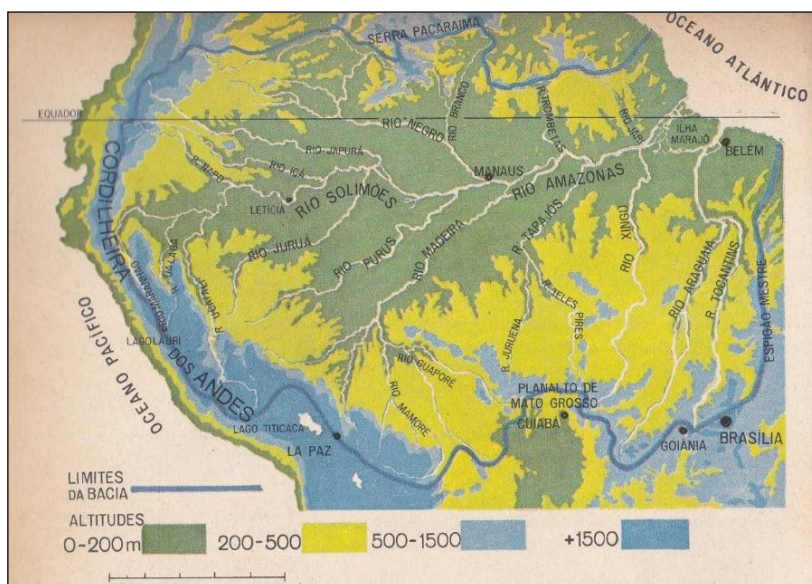
*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

diferentes datações geológicas. A partir disso, ressalta os contrastes expostos no relevo, na vegetação, no clima etc.

Após esse pequeno quadro físico, o autor expõe os “contrastes criados pelo homem”, sendo esses contrastes da vida humana (inclusive o modo de habitar) explicados a partir da variedade paisagística do país. A população é tratada ainda no primeiro capítulo enquanto uma população ainda em formação, distribuída de modo desigual, sendo essa desigualdade expressa em algumas áreas muito concentradas demograficamente e outras com fraca densidade de pessoas.

O início do capítulo que trata da região Norte, aqui compreendida enquanto “o mundo amazônico”, aborda primeiramente as características hidrográficas da Amazônia. Azevedo exhibe atributos como o fato da Bacia Amazônica (se compreendida em sua extensão internacional) ser a maior bacia fluvial do mundo, além da extensão do Rio Amazonas da sua cabeceira até o Atlântico ser de aproximadamente 6.200km, e a circunstância do rio lançar no então Oceano 200.000m<sup>3</sup> de água por segundo.

Figura 5: A hidrografia da Amazônia.



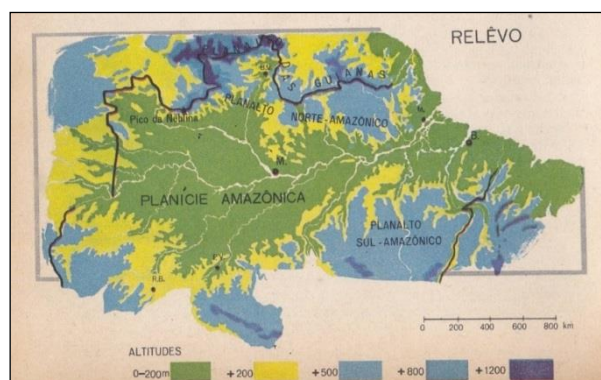
Fonte: AZEVEDO, 1971, p. 12.



*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

O relevo é visto enquanto uma das mais extensas terras baixas que existe na Terra, configurando na Planície Amazônica especificamente sedimentar, com cerca de 1.600.000km<sup>2</sup>. O autor atenta para a ocorrência dos planaltos constituídos de estrutura cristalina ao norte e ao sudeste que surgem de modo gradual a partir da grande planície.

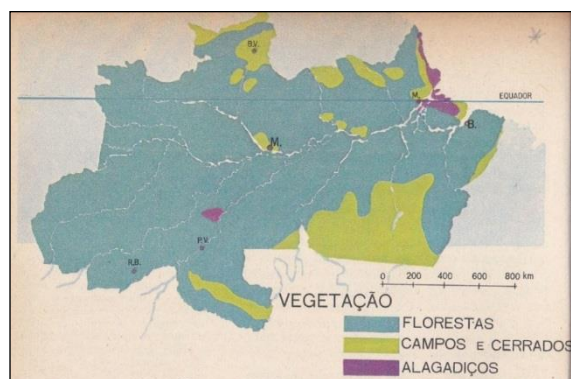
**Figura 6: Relevo Amazônico**



Fonte: AZEVEDO, 1971, p. 13.

Quando a Floresta Amazônica é abordada resgata-se o termo “Hiléia” posto por Alexander Humboldt. Tratada enquanto a principal porção de floresta equatorial úmida do mundo com 2.700.000km<sup>2</sup>, os seus limites ultrapassam mesmo a região Norte e as fronteiras brasileiras. Apesar da característica uniforme e monótona da floresta, Azevedo retrata que o homem amazônico é capaz de conhecer suas diferenças entre os trechos inundados permanentemente (os igapós), os trechos corriqueiramente inundados (as várzeas) e os trechos não inundados (as terras firmes), pois tais diferenciações imprimem características diferentes na vegetação.

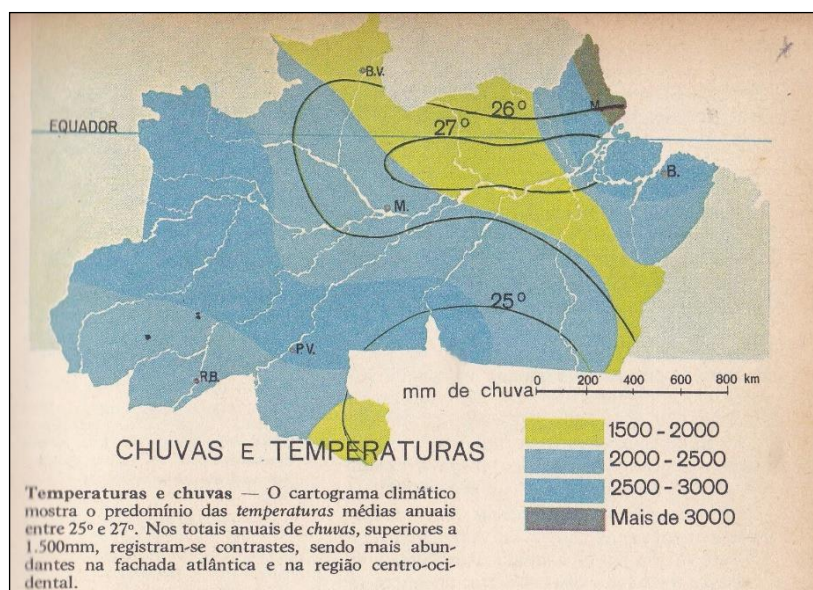
**Figura 7: A Vegetação da Região Amazônica**



Fonte: AZEVEDO, 1971, p. 16.

O clima é tratado por Azevedo enquanto equatorial, com calor excessivo e permanente, acompanhado de chuvas abundantes e alto nível de umidade. Essas características seriam em virtude da proximidade da linha do equador com a região (além de outros fatores).

Figura 8: Índices de chuva e temperatura na Amazônia.



Fonte: AZEVEDO, 1971, p. 17.

O Homem nessa região é visto como um “grande ausente”. Isso ocorre, de acordo com Aroldo, em razão da região ser de difícil povoamento e organização, mesmo após todos os processos de povoamento em que se insere a área, expressos nas históricas expedições científicas, militares, religiosas e nos ciclos da borracha. O autor destaca determinados fatores do século XX que possibilitaram uma maior ocupação da Amazônia, sendo estes: a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, as plantações de seringueiras realizadas pela Companhia Ford, a instalação de colonos japoneses, a exploração de jazidas de minérios, a construção da rodovia Belém-Brasília, a construção da Transamazônica etc.

As unidades políticas da região Norte, conforme evidencia o manual, passaram no decorrer da história do território brasileiro diferentes mudanças. A partir da proclamação da República em 1899, as duas antigas províncias do Império (Grão-Pará e Amazonas), tornam-se Estados. Em 1903 a região recebe o acréscimo do território do Acre e em 1943, somam-se a

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

esse quadro mais três territórios: Amapá, Roraima e Rondônia. Essa configuração das unidades político-administrativas da até então publicação desse manual é exposta de modo mais didático nesse mapa do autor:

**Figura 9: Unidades políticas e rede urbana da Amazônia**



Fonte: AZEVEDO, 1971, p. 19.

O mundo amazônico é visto sob o ponto de vista de sua economia, de acordo com o autor, principalmente a partir de suas potencialidades de desenvolvimento econômico garantidas pelas riquezas minerais, vegetais e da tradicional atividade pesqueira. A exploração das riquezas vegetais predominou em relação às riquezas minerais até a década de 50 do século XX, principalmente pela importância da borracha e da castanha-do-pará. Entretanto, o extrativismo mineral passa a predominar enquanto atividade econômica mais significativa no que diz respeito ao valor da produção, sendo as três riquezas minerais mais destacadas: o minério de manganês, a cassiterita e a columbita.

Quando o capítulo envereda pelo transporte, Azevedo ressalta que a rede fluvial ainda é a principal rede para a circulação das riquezas da região. É a partir da rede fluvial do Rio Amazonas que se estabelece fluxos entre Manaus-Belém, que é possível alcançar as fronteiras com o Peru, a Amazônia Setentrional, o Acre e Rondônia. Em toda essa rede hidrográfica de transporte, destacam-se os portos de Belém, Manaus e Macapá.

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

As vias terrestres até então (1971) apresentavam-se ainda modestas, em virtude da enorme extensão territorial da região, da presença da floresta equatorial, da necessidade de transposição dos cursos d'água etc. Até o ano de 1968 as rodovias apresentavam a extensão na região Norte de 23.000km, enquanto a via férrea após o fim das estradas deficitárias apresentava o total de apenas 194km.

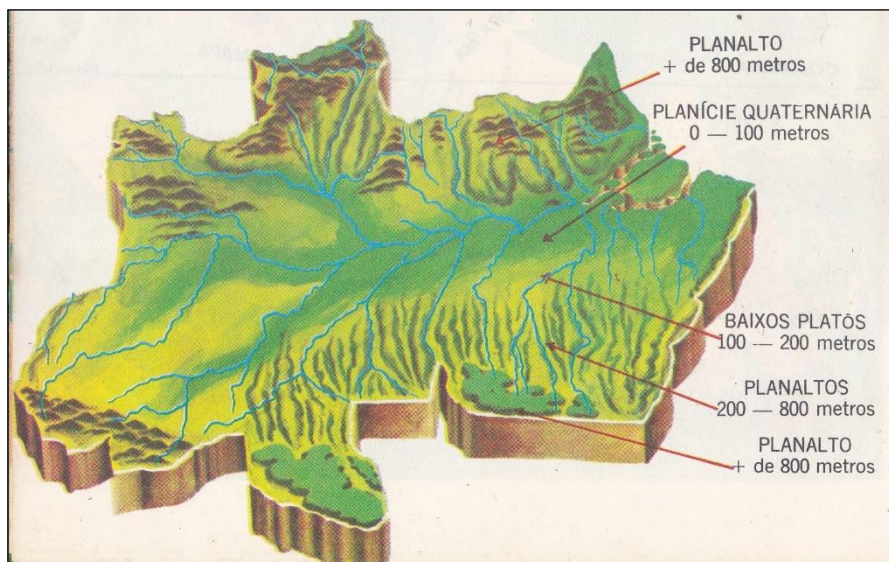
O autor ainda apresenta no fim desse quadro econômico a criação da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia ou SUDAM. Para ele a iniciativa possui os objetivos de promover o desenvolvimento econômico do Norte e a “efetiva conquista da região”, sendo sua área de atuação toda a Amazônia Legal. A iniciativa busca potencializar as atividades agropecuárias, a pesca, o extrativismo vegetal e a exploração sistematizada de minérios. Além disso, há a proposição de unir a Amazônia às outras regiões mediante a criação de uma maior rede rodoviária. Azevedo (1971, p. 35) trata a iniciativa de modo otimista ao dizer que “Se tais planos vierem a concretizar-se, abrir-se-ão novos horizontes para essa região brasileira, a mais vasta e a menos aproveitada de nosso país, verdadeiro desafio à capacidade de nossos homens do governo”.

A obra de Zoraide (1978) possui uma abordagem que a tipifica de um modo diferente das anteriormente analisadas. De um modo mais ilustrado e com uma linguagem mais acessível ao primeiro grau da época, (terminologia que anteriormente referia-se ao ensino primário) o livro percorre as regiões brasileiras de modo lúdico, supondo uma viagem pelo país entre os integrantes de uma nave espacial.

Começando essa “viagem” pelo relevo, Beltrame estabelece uma relação de proximidade entre os baixos planaltos e a planície amazônica com um estádio de futebol. Assim, o campo propriamente dito seria a planície e as arquibancadas corresponderiam aos baixos planaltos. As planícies são representadas pelos igapós e várzeas e os planaltos baixos ou baixos platôs pela “terra firme”. Desse modo, conforme conclui Beltrame (1978, p. 23) “Os baixos planaltos e a Planície Amazônica são o aspecto mais característico do relevo da Região Norte. Juntos, são o que normalmente chamamos de Planície Amazônica”.



Figura 10: Relevo amazônico.

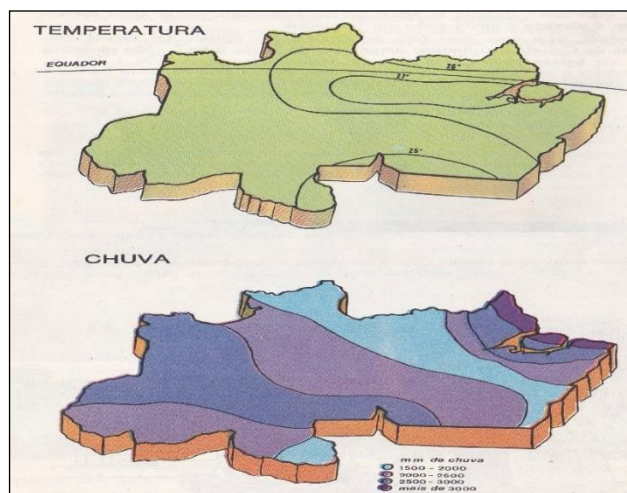


Fonte: BELTRAME, 1978, p. 22.

Seguindo viagem pelo Clima, a autora dá importante papel à latitude da região para explicar as temperaturas que predominam na média entre 25° e 27° graus. Sendo na região predominante o clima equatorial em virtude da grande umidade, das chuvas constantes e da temperatura elevada no decorrer do ano, a precipitação alcança índices que caracterizam esse tipo de clima: registros indicam entre 1.500mm e 3.000mm anuais.



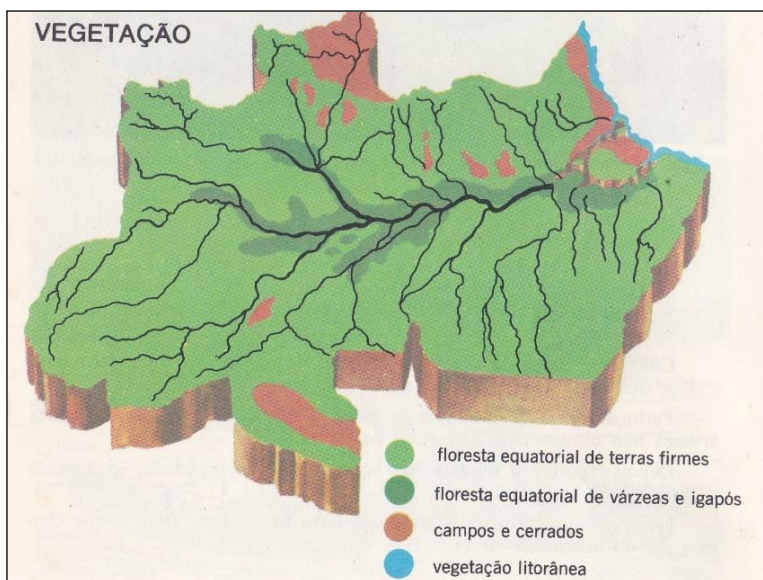
**Figura 11: A temperatura e a chuva na Amazônia**



Fonte: BELTRAME, 1978, p. 24-25.

A vegetação é vista enquanto produto das chuvas fortes e do grande calor, sendo avaliada em aproximadamente 261 milhões de hectares àquele momento. Muito verde e úmida, caracteriza-se também pelas variadas alturas das espécies vegetais, sendo essa variação explicada a partir do próprio relevo. Aqui vemos uma característica que diferencia o manual dos anteriormente trabalhados, pois Beltrame busca a inter-relação entre os elementos (aqui relevo e vegetação). Perto dos rios, por exemplo, onde há a mata de igapó, as árvores não costumam ser tão altas, atingindo aproximadamente 20 metros. Já a floresta de terra firme possui árvores que alcançam mais de 60 metros de altura. A autora ainda reserva espaço no item para tratar da riqueza dos vegetais, que manifestam a potencialidade econômica da região fornecendo refinadas madeiras, látex para a borracha e alimentos como a castanha-do-pará.

**Figura 12: A distribuição da vegetação na Amazônia**

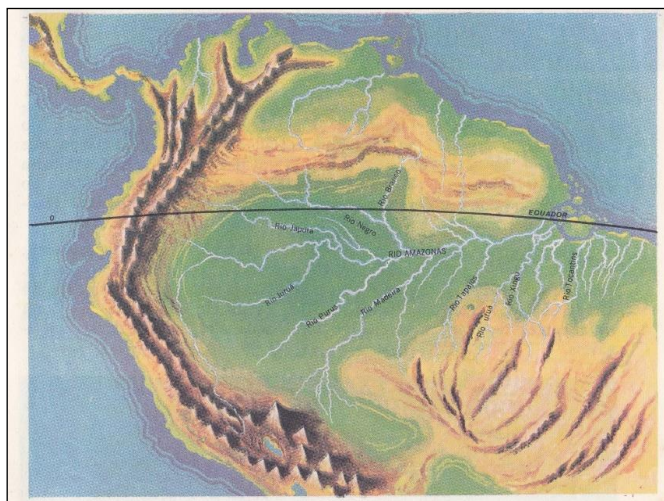


Fonte: BELTRAME, 1978, p. 28.

Ao tratar da Hidrografia do Norte, Zoraide diz que o enorme número de rios que desaguam no rio Amazonas e o próprio formam a maior bacia hidrográfica do mundo. Além disso, o peculiar rio Amazonas recebe afluentes tanto do hemisfério Norte quanto do hemisfério Sul, o que lhe garante uma grande quantidade de água em todos os períodos do ano. Isso se deve ao fato de que quando é verão no hemisfério norte os rios desse hemisfério estão com medidas altas e quando é verão no hemisfério sul, são seus rios que estão cheios. Com isso, em um intervalo de doze meses ora os rios do hemisfério Norte estão cheios ora os rios o hemisfério Sul.

Beltrame ainda conclui esse item dizendo que a vida da região circula nas águas dos seus rios, sendo o rio Amazonas o horizonte, o caminho e o alimento da região Norte.

### **Figura 13: A hidrografia na Amazônia**



Fonte: BELTRAME, 1978, p. 29.

A ocupação da região Norte é considerada por Zoraide uma ocupação realizada com muita cautela, tanto por sua origem ser remota (mesmo antes da chegada dos portugueses havia na região uma ocupação nativa) e por seu povoamento ter sido potencializado a partir da construção de Belém. A iniciativa era geopolítica, pois almejava a defesa do território contra os holandeses, ingleses e franceses.

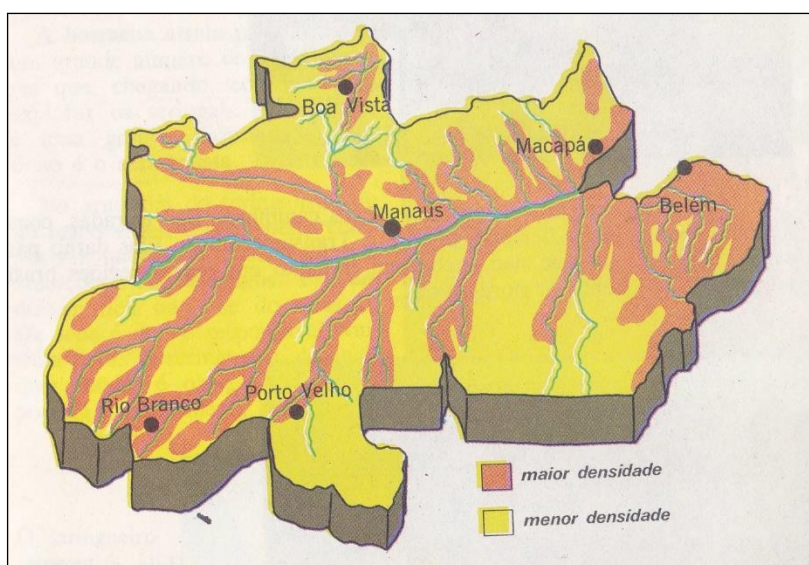
Após a construção de Belém as iniciativas religiosas e militares foram trazidas com o intuito, respectivamente, de catequizar a população nativa e organizar a defesa do território pertencente à Coroa. Tais empreendimentos foram responsáveis pela criação de cidades, o que garantiu um crescimento populacional, mesmo que lento. Entretanto, o fim do século XIX reformula e mesmo potencializa o crescimento populacional da região mediante a exploração da borracha, atividade extrativista realizada com importante participação dos nordestinos que àquela época fugiam da grande seca do nordeste de 1877.

Após o auge da atividade extrativista alguns nordestinos permaneceram no Norte do Brasil, empreendendo atividades agrícolas que configuraram no espaço amazônico áreas agrícolas de grande importância.

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

A imigração estrangeira é representada principalmente pelos japoneses que obtiveram sucesso na cultura da juta e pimenta-do-reino e também pelos sírio-libaneses que dedicaram-se ao comércio. Apesar disso, à época de lançamento desse manual escolar a região era habitada por apenas 5 milhões de pessoas, distribuídas conforme esta representação do livro:

Figura 14: A distribuição da população na Amazônia.



Fonte: BELTRAME, 1978, p. 35.

Nota-se que a densidade populacional é maior próxima dos rios e isso se deve ao fato de que serviram de caminho para a penetração no território, além de suas margens oferecerem algumas condições favoráveis para o cultivo.

As atividades econômicas do Norte são representadas pelo grande potencial extrativista da região. Apesar da mata ser de difícil acesso, ela oferece importantes recursos naturais como as madeiras, essências a seringueira, o caucho, a castanha etc.

O extrativismo vegetal, atividade em muito representada pela exploração do látex para a fabricação da borracha, atraiu para a região inúmeros trabalhadores. A seringueira, árvore que produz o látex, está situada nos seringais, propriedades essas dos seringalistas. A produção de maneira primitiva é o que implica não somente nas relações de trabalho insalubres, mas também na baixa produtividade em meio ao comércio internacional da borracha.

Desse modo, Beltrame, (diferentemente dos outros dois autores dos manuais escolares expostos) aborda as relações de trabalho existentes entre o seringueiro e o seringalista. Essa

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* **ISSN 2594-8806**

característica crítica na análise de Zoraide surge em um momento de renovação dos livros didáticos de Geografia no Brasil. O esclarecimento dessas relações de trabalho permitiria ao estudante não naturalizar uma relação que é essencialmente de exploração, sendo ela produto do processo histórico de afastamento do trabalhador dos seus meios de produção. Assim, Beltrame apesar de seguir reproduzindo em parte o tradicional modo de abordar os conteúdos da Geografia no ensino, ela já representa uma expressiva mudança nos livros didáticos que tratam da Geografia no ensino brasileiro. Brasil. Sobre os novos livros didáticos de Geografia Vesentini ressalta que:

Eles só puderam surgir devido à desagregação da ditadura militar a partir de mais ou menos 1973-74, com a abertura fortemente controlada pelo alto mas possibilitando o aparecimento de brechas ocupadas ou abertas pelo renascimento de um sindicalismo autêntico, por greves e operações-tartaruga selvagens, pelo fortalecimento de uma oposição político-institucional e pelo ressurgimento de uma imprensa crítica etc (VESENTINI, 1989, p. 170).

A castanha representa também uma importante atividade extrativista da região, sendo ela posteriormente utilizada para a confecção de óleos, sabões e produtos farmacêuticos. Igualmente tratadas na parte do manual em que se explica a dinâmica dos seringais, quando a extração da castanha é abordada a autora busca relatar as relações de trabalho existentes nessa atividade. Aí, especifica que o castanhal possui um dono tal como o seringal, sendo o proprietário o fornecedor de produtos necessários para a subsistência dos trabalhadores no castanhal.

Uma outra atividade econômica de aproveitamento dos recursos naturais da região é o extrativismo mineral. Nela a figura de destaque é o garimpeiro, que de modo provisório extrai minerais como o manganês, ouro, diamante, sal, calcário, estanho, cobre etc. Beltrame atenta para o fato de que esses minerais serão utilizados para abastecimento das embrionárias indústrias do Norte e do Nordeste, além das estradas interestaduais permitirem no futuro o transporte desses recursos entre as regiões.

Além das atividades extrativistas, o gênero humano na Amazônia destina-se também ao plantio, sendo a agricultura uma atividade importante na subsistência regional e mesmo na atividade comercial da juta e pimenta-do-reino, cacau, malva e guaraná. A agricultura no Norte possui raízes que repousam sobre os imigrantes japoneses, representantes do pioneirismo da cultura da juta e da pimenta-do-reino na região.



*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

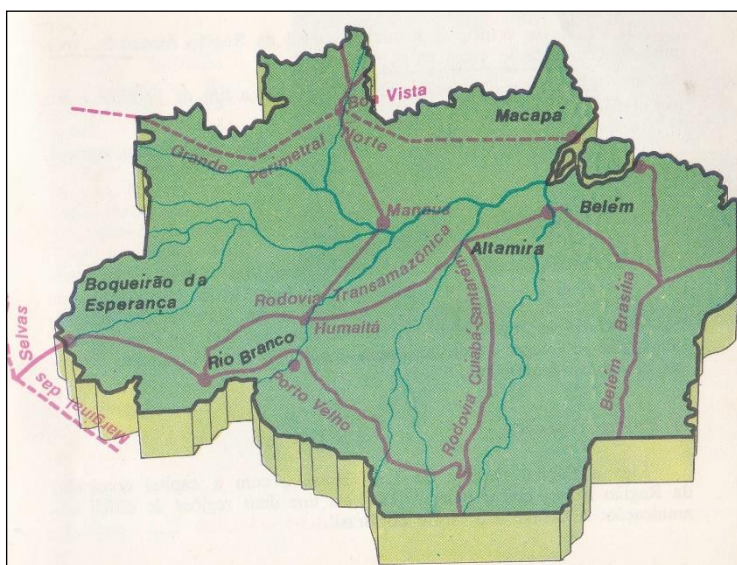
No item “Como andar pela região” Zoraide relata aspectos da circulação na Amazônia, afirmando que os rios amazônicos configuram em um dos mais longos sistemas de vias de transporte do Brasil, constituindo-se desde o período colonial em vias de penetração para a ocupação e povoamento.

De modo diferente, as ferrovias apresentam problemas que incapacitam a sua expansão, como o alto custo de manutenção pelo clima úmido e pela grande floresta. O prejuízo fora tamanho para o Governo que atualmente há em funcionamento apenas a Estrada de Ferro do Amapá, que possui extensão de 194km e contribui para a circulação do minério de manganês explorado no referente Estado.

O transporte aéreo é visto enquanto um poderoso mecanismo de superação das longas distâncias e da densa floresta, porém, seu custo ainda é muito alto.

As estradas de rodagem surgem mediante a necessidade de transporte barato para a região e a possibilidade de uma união entre o transporte rodoviário e o fluvial, com a construção de rodovias entre as faixas de terra dos rios navegáveis. A partir desse raciocínio, o Governo engendra grandes rodovias que cortam a Amazônia.

Figura 15: As estradas de rodagem na Amazônia.



Fonte: BELTRAME, 1978, p. 49

*RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar.* ISSN 2594-8806

Zoraide conclui o capítulo que trata da circulação na região Norte trazendo que as funções principais das estradas seriam a segurança e a integração da região. A segurança seria efetivada a partir da posse real (por meio de fluxo de pessoas e mercadorias) da extensa região. Isso é necessário para a autora pois não basta que esse território seja nosso mediante a sua posição no mapa do Brasil, pois é preciso que se tome posse dele habitando-o de modo concreto. Já a integração seria garantida ao colocarmos todos os espaços com potenciais agrícolas, minerais e vegetais em contato com todas as outras regiões do Brasil, garantindo a esses recursos a possibilidade de uma melhor circulação.

É possível notar após a identificação dos livros didáticos e análise dos conteúdos neles tratados que há uma convenção no modo de tratar os conhecimentos geográficos nesses manuais. A seleção dos conteúdos segue a lógica do paradigma “A Terra e o Homem” (VESENTINI, 1989, p. 167-168). Desse modo, mesmo a obra de Zoraide Beltrame que surge em meio a novos debates de como abordar a Geografia nas escolas, apresenta a receita seguida pelos velhos manuais: quadro físico da região e posterior adaptação do homem ao meio, sendo ele aí um habitante consumidor, ou seja, o homem é visto sob a perspectiva do homem econômico, dominante da natureza. Assim, os manuais não levam em consideração as motivações e intenções políticas do Estado para as ações destinadas ao território, sendo o Estado relatado enquanto um agente neutro em suas práticas políticas.

A “Geografia dos professores” se faz presente nos manuais elencados a partir da reprodução de elementos mais ou menos numerosos (LACOSTE, 2012, p. 32) e da onipresente abordagem descritiva e semelhante a um inventário de conhecimentos estanques e pouco ou quase nada relacionados de um país (LACOSTE, 2012, p. 224-225).

Apesar do quadro apresentado pelas obras aqui listadas e da identificação do modo como a “Geografia dos professores” elenca os seus conteúdos quase sempre de modo não operacional, condizente com a fragmentação científica do mundo contemporâneo, José William Vesentini atenta para o fato de que novas discussões relacionadas ao ensino em si, ao ensino de Geografia e ao modo de tratar seus conteúdos vêm surgindo:

O sistema escolar vive uma fase de profundas reestruturações e, no seu bojo o ensino de Geografia sofre questionamentos, propostas de mudanças radicais, tentativas de eliminação ou minimização por parte de alguns e de maior valorização, por parte de outros...(VESENTINI, 2004, p.220).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo dos livros didáticos que foram selecionados permitiu identificar como a Geografia dos Professores de Yves Lacoste se faz presente no ambiente pedagógico brasileiro, que é reproduzindo os conteúdos geográficos em uma abordagem quase sempre fragmentada e com pouca ou nenhuma articulação entre as informações ali dispostas, mascarando sempre o instrumento de poderio que é a Geografia, preferindo salientar de modo enumerado e em capítulos estanques o quadro natural e humano dos continentes, dos países e das regiões. O quadro natural é sempre tratado nesses manuais como o primeiro conjunto de elementos que se deve conhecer, sendo o quadro humano posteriormente abordado, o que inviabiliza a correlação aprofundada dos elementos humanos e naturais.

A natureza nesses manuais é sempre discutida enquanto um recurso meramente econômico para homem, como se ela não fosse dotada de uma lógica própria, que necessita ser compreendida e explicada. Assim, o discurso nos livros didáticos de Geografia reproduzem a lógica da ciência moderna de que o homem, dotado de uma razão econômica supostamente neutra politicamente, seria capaz de dominar e administrar de modo neutro e imparcial a natureza, o que pode acarretar em um caminho político perigoso para os gênero humano no futuro, se levarmos em consideração a finitude dos recursos naturais da Terra. Essa lógica reducionista da Natureza manifesta-se quando a região Amazônica é vista da perspectiva do antigo discurso ideológico e otimista de “integração regional”, ou seja, a partir da compreensão de que a Amazônia é uma região que precisa ser ocupada, valorizada e que o seu progresso futuro será alcançado em virtude de seu potencial em recursos naturais.

Desse modo, compreende-se que a teoria de Lacoste por meio das noções de “Geografia dos Estados maiores” e de “Geografia dos professores” pode servir de suporte tanto para a compreensão do modo de agir do Estado em seu território (com utilização operacional do raciocínio geográfico) tanto quanto na observação do modo como é tratada a educação geográfica nos manuais de Geografia do Brasil, que negligenciam o papel operacional dos conhecimentos geográficos e que se manifesta aos estudantes apenas enquanto inventários de saberes fragmentados e não relacionados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Aroldo de. **O Brasil e suas regiões**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

BELTRAME, Zoraide Victorello. **Geografia Ativa: 1º grau**. São Paulo: Ática, 1978.

GICOVATE, Moisés. **Geografia Regional do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1955.

LACOSTE, Yves. **A geografia – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

VESENTINI, José William (org.). **Geografia e ensino: textos críticos**. Campinas-SP: Papyrus, 1989.

VESENTINI, José William (org.). **O Ensino de Geografia no século XXI**. 2. ed. Campinas-SP: Papyrus, 2004.

LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia. A noção de região no pensamento geográfico**. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org.). *Novos caminhos da geografia*. São Paulo: Contexto, 2010.

**Recebido: 15/12/2019. Aceito: 9/12/2020.**

### **Autores:**

**Gabriel Fernandes** -Graduando do sexto período de licenciatura em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas. Bolsista UFAM pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e orientando do Prof. Dr. Ricardo José Batista Nogueira na pesquisa entre os anos de 2019-2020 cujo título é: O conceito de Região em Geografia: a contribuição de Paul Vidal de la Blache.

Endereço: Rua Iranduba 162, São José Operário, Manaus-AM. Número para contato: (92) 99269-8827

E-mail: gabriel.fer.geo@gmail.com

**Ricardo José Batista Nogueira** – Prof. Dr. Universidade Federal do Amazonas

**E-mail:** nogueiraricardo@uol.com.br